



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 69 — LISBOA, 10 DE SETEMBRO DE 1942
PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO

MARIA LAURA, sambista da areia. Tem nove anos e canta o «Chica-Chica-Bum». — (Foto A. Seródio).

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

Os homens dizem muitas vezes mal das mulheres—mas não podem passar sem elas. Na verdade, as mulheres são o complemento directo do homem. Uma oração deste género gramatical apenas com sujeito não passa gramaticalmente duma oração incompleta. Mas sabe Deus porque preço fica ao sujeito o agradável luxo de dispor do seu complemento. Vejamos, enquanto se fuma um cigarro, quando poderá gastar um homem condescendente com uma mulher elegante, durante um ano, nesta hora de crise que se atravessa. Um homem condescendente—é claro—que possa permitir-se o prazer de dar o seu braço a uma mulher elegante.

TOILETTES

Uma mulher que blazone de «chics» não gasta menos de oito vestidos por ano. É variável o preço de cada vestido, mas a conta global da modista somará aproximadamente 12.000\$00

SAPATOS

Os sapatos femininos, desde o sapato à Luiz XV ao autêntico coturno grego, mas de cortiça, estão pelo preço das jóias. «M.™ Chic» não gastará por ano menos de 3.000\$00

CHAPEUS

EMBORA haja quem pense que o chapéu passou de moda e que, por consequência, a maioria das mulheres anda em cabelo, a cabeça de Eva leva em trezentos e sessenta e cinco dias 3.050\$00

MEIAS

As meias são, em grande parte, a preocupação das elegantes. Uma malha caída numa meia cará equivale a uma catástrofe. 12 meses de pares de meias 2.400\$00

TEIXEIRA DE PASCOAIS, POETA AUSENTE



Nas horas trivias,

Os broncos sonolentos,

— Pastores de ceticismo paragezes —

— Lançam este preço ao solapar dos vestidos,

À nuvem estradia,

As sombras, às imagens:

— Que é d'êlo, o Pascoais?

Canor diz nosser v'ê melancolia?

Nas tardes tuma luz tão íntimo fogo

Em que o sol é uma coroa de visconde,

Eu próprio me interrogo:

— Onde está êlo? Açoida?

E procuro nas sombras enganosas

Os fumos do meu sonho derradeiro,

E sem ventura!

Ventos que novas me trazem das roças,

Que corovam o vate fulminante?

— Poetas, que é do vosso companheiro?

E a solidão melancólica murmura:

— Está talvez, a banhos, no cêdido Amaranze!

(Das «Pascoais», de Mário Beirão)

LINGERIE

A lingerie, ou seja a roupa branca—hoje, em regra, de variadas cores—absorve nunca menos de..... 2.330\$00

ACESSÓRIOS

ACESSÓRIOS, isto é, luvas, malas, cintos e cintas, andarão à volta de..... 2.000\$00

PELES

As peles constituem o encanto da maior parte das mulheres. O homem que queira ver exuberantemente feliz a sua mulher não tem mais do que presentear-las com uma pele—embora para tal tenha de ficar sem a sua. A verba de peles nunca poderá ser inferior a 20.000\$00

CABELEIREIRO E MANUCURE

POR mais que se afirme que a ondulação é permanente, a verdade é que ela não dura, em regra, senão três dias. Volta e meia as mulheres vão ao cabeleireiro retocar-se. De quinze em quinze dias, vem a manucure a casa. Temos, pois, cabeleireiro e manucure 2.420\$00

PERFUMARIA

AGUA de Colónia, essências e loções 1.950\$00
Depilatórios 50\$00
..... 2.000\$00

TEATROS E CINEMAS

O homem condescendente não pode deixar de distrair a «sua» mulher elegante. Para teatros e cinemas despenderá nunca menos de 2.000\$00

CHÁS

CHÁS que a mulher toma e chás que a mulher oferece às amigas..... 1.200\$00

EXTRAORDINÁRIOS

IMPOSSIVEL prever, em pormenor, todos os extraordinários duma mulher que se diz «chics», mas podemos atribuir-lhes a verba global de..... 30.000\$00

SOMA

AQUI têm aproximadamente quanto custa por ano uma mulher elegante... 82.400\$00. De perder os sentidos! E temos ainda de nos lembrar que o cálculo está feito muito por baixo...

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Vida
MUNDIAL
de Lisboa

Figuras da Vida MUNDIAL



VON RUNDSTEDT, é um dos generais alemães a quem, nesta fase crítica da guerra, cabe um dos mais difíceis papéis de chefe militar. Foi a ele que o Estado Maior do Reich confiou a responsabilidade de proteger os territórios ocupados da França, Bélgica e Holanda contra os riscos de uma invasão por parte das forças de desembarque e de ataque das Nações Unidas.

(Caricatura de Santana)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XIII-Quanto vale uma esquadra

5

A BATALHA DO ATLÂNTICO

OM as operações de grande envergadura no Mediterrâneo coincidiu a batalha do Atlântico no período abrangido pelo segundo semestre de 1940 e pelo primeiro de 1941. Os transportes que começaram a navegar entre a América e a ilha britânica, carregados de materiais e abastecimentos de toda a ordem (os Estados Unidos começaram, por essa época, a tornar-se, de

de Inglaterra, a quasi totalidade das suas unidades de superfície que constituíam uma força naval apreciável. O «Tirpitz» e o «Bismarck», o «Scharnau» e o «Göebenau», os coraçoados de alibeira e os cruzadores pesados com a bandeira da cruz sudática apareceram com frequência nas águas frequentadas pela navegação anglo-americana.

A Grã-Bretanha viu-se na necessidade de deslocar para a luta anti-submarina algumas das melhores unidades da sua esquadra e de nomear exclusivamente para dirigir essa luta um dos seus mais categorizados e ilustres oficiais da marinha, o almirante Percy Noble, grande amigo do duque de Windsor.

UMA SEMANA HISTÓRICA

Foi no decurso dessa batalha do Atlântico que ocorreu o episódio naval mais emocionante desta guerra: o duelo entre as duas mais poderosas unidades das duas esquadras, o cruzador de batalha «Hood» e o navio de linha alemão «Bismarck». O mundo vibrou intensamente com as perspectivas do duelo que pôs frente a frente, acabando pelo seu aniquilamento, os dois navios mais conhecidos e temidos da Grã-Bretanha e do Reich.

Foi durante a última semana de Maio que esse duelo se travou. Um cronista naval recorda, a propósito, que a história registra durante a última semana de Maio vários combates navais de importância decisiva: La Hogue, em 29 de Maio de 1692; Tsushima, em 28 de Maio de 1905; Jutlândia, em 31 de Maio de 1916.

O duelo que se liquidou pela perda do «Hood» e do «Bismarck», durou exactamente seis dias. Tendo-se iniciado no dia 22 de Maio com a operação que terminou pelo afundamento da primeira daquelas unidades, estava concluída a 27, quando a segunda, por sua vez, se afundou.

As operações realizadas durante este período tiveram, de começo, as características de uma batalha clássica entre unidades de superfície das duas esquadras, para depois se transformarem numa série de iniciativas do tipo aero-naval, terminando com a intervenção, de novo, de unidades de superfície.

Durante os quatro dias em que a acção se desenrolou, o centro de gravidade dos combates deslocou-se da leste para oeste num percurso de mil setecentas e cinquenta milhas. Este número basta para dar uma ideia aproximada da importância das operações e do empenho que os dois adversários puseram em a liquidar de maneira honrosa para o seu pavilhão.

A esquadra britânica perdeu, além do «Hood», o contratorpedeiro «Mashona», de 1870 toneladas, e alguns aviões. A perda do «Bismarck», do lado alemão, foi incomparavelmente mais sensível para a marinha do Reich, e especialmente para a sua esquadra de superfície. Os acontecimentos ocorridos posteriormente demonstram que, se o «Bismarck», a esquadra de linha alemã ficasse privada da sua melhor e mais eficiente unidade.

CARACTERÍSTICAS DOS ADVERSÁRIOS

O «Hood» deslocava 42 mil toneladas e tinha vinte anos de serviço. Em Setembro de 1916 cedera-se ao assentamento da sua quilha. Esta-

vam frescos os ensinamentos da batalha de Jutlândia e foi aproveitando deles que a engenharia naval britânica procedeu na construção do grande cruzador de batalha que ficaria senão, durante muito tempo, o maior e o mais poderoso do mundo.

A espessura da couraça de cintura foi aumentada de 203 para 305 m/m, e as cobertas foram reforçadas. Simultaneamente, foram-lhe adaptados novos dispositivos de protecção submarina. As primitivas caldeiras previstas na construção, do tipo «Babcock» e «Wileox», foram substituídas por 24 caldeiras «Yarrow», a fim de lhe assegurar uma velocidade de 32 milhas. O deslocamento inicial, que era de 36 mil toneladas, também foi aumentado. O peso total da protecção passou, assim, a ser de 13.800 toneladas, ou seja aproximadamente trinta e cinco por cento de deslocamento total. Era, portanto, um navio fortemente protegido. Essa protecção teve que se conseguir com prejuizo da velocidade. Apesar disso, nas experiências realizadas em 1920, o «Hood» atingira a velocidade de mais de 32 milhas. O armamento era constituído por oito canhões de 381 m/m, dose de 140 m/m, oito anti-aéreos de 102 m/m, dezasseis automáticos anti-aéreos de 40 m/m, e quinze metralhadoras.

Contra o que geralmente se pensava, o «Hood» não era o navio de guerra mais poderoso do mundo, embora nominalmente fosse o maior. Durante o período que decorreu entre o seu achamento (1920) e a construção do «Bismarck», cerca de vinte anos portanto, a ciência da construção naval progrediu muito. Especialmente pelo que se refere à relação entre o peso e o poder ofensivo as alterações introduzidas nas concepções tradicionais revelaram-se de uma importância capital. O grande público nem sempre tem ocasião de se aperceber dessas melhorias de ordem técnica que, em última análise, são as que jogam no momento culminante



Almirante Percy Noble

facto, a retaguarda na batalha em que a Grã-Bretanha se empenhara), tinham que alterar sensivelmente as suas rotas normais para evitar os encontros com a arma submarina do inimigo. A acção desta começou, porém, a intensificar-se em proporções inesperadas. Esclarecida pelas lições da última conflagração, a Alemanha decidiu-se a atacar a navegação britânica, praticamente desde o início das hostilidades, procurando assim diminuir, na medida do possível as consequências do bloqueio britânico que tanto contribuíram, vinte cinco anos atrás, para abater o moral do povo alemão e para o conduzir à derrota nos campos de batalha.

Entre os continentes europeu e americano, os submarinos alemães começaram a esperar, em longos cruzados, os navios mercantes do inimigo. A aviação do Reich começou a actuar em estreita colaboração com os submarinos, exercendo uma vigilância implacável sobre toda a navegação que partia ou se dirigia à Grã-Bretanha. Depois da derrota da França e da decisão inglesa de resistir, as autoridades navais alemãs passaram a dedicar a essa tarefa essencial de atacar os barcos ingleses ou ao serviço



Almirante Lutjens

Vida MUNDIAL
de Substância

das batalhas. Dá a emoção profunda que o seu afundamento, sobretudo nas condições em que se realizou, produziu por toda a parte, e, de maneira muito particular, entre a opinião pública britânica.

O VALOR DO «BISMARCK».

As características de velocidade e armamento do «Hood» eram sensivelmente iguais às do «Bismarck». Com uma velocidade normal de 30 milhas, este era armado com oito canhões de 380 m/m, doze de 150 m/m, catorze peças anti-aéreas de 105 m/m, e dezasseis automáticas de 37 m/m.

Mas a sua protecção era melhor e mais completa que a do seu temeroso antagonista. O «Bismarck» era mais curto (241'5" em vez de 252'30") e mais largo (36" em vez de 32") do que o «Hood». Quanto ao resto podia considerar-se igual a com a mesma velocidade, o «Bismarck» tinha uma protecção melhor e uma evidente margem de superioridade que derivava dos progressos técnicos realizados durante duas décadas de anos nos estaleiros de todo o mundo, e especialmente nos estaleiros alemães.

As máquinas e caldeiras do «Hood» de 16,5 quilos, custavam 38 quilos por cavalo, e consumiam 565 gramas de combustível por cavalo/hora. As máquinas do «Bismarck», com caldeiras «La Mont», de superpressão, apenas custavam 15 quilos por cavalo, consumindo 300 gramas de combustível por cavalo/hora. Para uma potência motriz sensivelmente idêntica, a economia de peso realizada no aparelho motor, juntando-se às economias resultantes da moderna construção de cascos (ligas leves, soldaduras eléctricas, etc), permitia que o «Bismarck» dispusesse, segundo indica as probabilidades de uma pintura de protecção incomparavelmente melhor que a do «Hood» (380 m/m no caso do primeiro, 305 m/m no caso do segundo), além de cobertas com blindagens de 200 m/m de espessura, as quais no «Hood» oscilavam entre 100 e 127 m/m, no máximo, na protecção dos paços de munições. Isto significa que os 150 mil cavalos-vapor do «Hood» com vinte anos de serviço, constituam um estorvo maior do que os 150 mil cavalos-vapor do «Bismarck» que entrara em serviço nos fins de 1940. Esta circunstância não deixou de pesar no duelo que se travou entre eles.

até aos eficientes contratorpedeiros, os quais começaram a sulcar, com rumo ao norte, as águas do Atlântico. A precisão e a rapidez com que essa perseguição se iniciou bastam para dar uma ideia exacta das condições em que funcionam os navios da «Royal Navy». Elas indicavam também que, qualquer que fossem as contingências da luta, a sorte do «Bismarck» estava trágica desde o momento em que ele se aventurara no mar.

O navio de linha alemão, de linhas modernas e de formidável poder ofensivo, caiu o seu primeiro e também o seu último cruzado.

O «HOOD» FERIDO DE MORTE.

Foi o contratorpedeiro polaco «Piorun», comandado pelo capitão de fragata Plawski, o primeiro a atacar o «Bismarck» acompanhado pelo «Príncipe Eugénio», dando imediatamente o alarme. Mas quando se iniciava a perseguição, o tempo cerrou-se bruscamente, perdendo-se, assim, o contacto. Só no dia 23 de Maio, pelas 15 horas, o contacto se restabeleceu, sendo desta vez o «Sutfolk» que deu notícia da passagem da formação naval alemã. Durante a noite de 23, sob um temporal desabado, o «Sutfolk» conseguiu manter o contacto, realizando uma proeza digna de registo. Entretanto, de Londres comunicavam que para o local seguia a formação pesada do comando do

linha britânica, provavelmente o «Hood». Outro navio inglês foi forçado a fazer meia volta. As forças alemãs continuaram as suas operações sem avarias dignas de menção.

Nessa mesma manhã de 25 de Maio, o Almirante inglês comunicou com o mesmo lacónismo: «A perseguição dos navios alemães continua». A perseguição efectivamente continuava. Enquanto o «Bismarck» e o «Príncipe Eugénio» tentavam escapar a ela, regressando, o mais rapidamente possível, aos portos da Noruega, o Almirante britânico, os navios e os aviões britânicos não deixaram de tentar restabelecer um contacto que era a primeira condição da sua vitória. No dia 24, à tarde, o «Príncipe de Gales» voltou a avistar a formação alemã, fazendo alguns tiros sem resultado e irredutíveis, pouco depois, novamente de vista. Mas o «Bismarck» foi avistado de novo cedo-se, numa verdadeira avalanche, dando os chefes da armada britânica a certeza de que o inimigo não escaparia. Para o mar tinha saído o grosso da «Home Fleet», sob o comando directo do almirante Tovey, a esquadra do Almirante Luetjens, o Almirante Bevington, o Almirante Somerville e várias outras unidades do comando «Rodney» e o «Ramilies», que andavam em serviço de comboios.

Assim se passaram os dias de 25 e 26. Na manhã deste último dia, enquanto a rádio anunciava incessantemente que a perseguição continuava, o «Bismarck» foi avistado de novo pela tripulação dum dos grandes hidroaviões «Catalina», recentemente cedidos pelos Estados Unidos à Grã-Bretanha. Era um cerca de 11 horas. O resto foi simples e rápido. Os aviões do «Ark Royal» atacaram o navio alemão, obrigando-o a virar a popa para os cerceiros, diminuindo a velocidade. Durante todo esse dia colou sobre o «Bismarck» uma chuva de projectéis.

Com os ataques sucediam-se os estragos a bordo. O navio foi assim demolido, pouco a pouco, até que, na madrugada de 27, o almirante Luetjens expulso o seu último rádio: «Navio incapaz de manobrar. Lutamos até à última granada». Um torpedo do «Dorsetshire» pôe termo à sua agonia.

Nesse mesmo dia 27, na sessão da Câmara dos Comuns, tal como sucedera na tarde histórica em que Chamberlain anunciou a Conferência de Munich, o Primeiro Ministro, Winston Churchill, recebeu uma comunicação e pede licença para a tribuna para fazer a seguinte declaração:

«Meus senhores. Um rádio do almirante da «Home Fleet» comunica-me que o couraçado alemão «Bismarck» mergulhou, para sempre, nas águas do Atlântico, às 11 horas e 1 minuto, a 400 milhas de Brest. Pelo, por isso, os honráveis membros da Câmara dos Comuns, da Câmara Real e da Real Força Aérea. Todos os presentes se levantaram para aplaudir, demoradamente, esta declaração que vinha libertar dum pesadão não apenas o espírito dos homens responsáveis que assistiam àquela declaração histórica, mas de todos os ingleses onde que eles se encontrassem.

O comunicado alemão que dava conta do termo da batalha estava redigido nos seguintes termos: «O navio de linha alemão «Bismarck» ficou impossibilitado de manobrar no dia 26 de Maio, à noite, devido a um torpedo lançado por um avião inimigo, depois de combates heroicos travados ao largo da Islândia. Fiel à última mensagem radiotelegráfica do comandante da esquadra, almirante Luetjens, o navio de linha, com o seu comandante, capitão de mar e guerra Lindemann, e a sua valorosa tripulação, sucumbiu à ação de um torpedo superior em número, atirado no seu porão, acausado, segundo o relatório, por um «perilhoso erro».

Na luta tinham perecido dois almirantes: o inglês Holland, que se encontrava a bordo do «Hood», e o alemão Luetjens, que estava a bordo do «Bismarck». O primeiro tinha uma brilhante folha de serviços prestados ao seu país, o segundo era um antigo capitão de esquadra, almirante Raeder, o mais categorizado oficial da Armada do Reich.

No decurso das últimas operações contra o «Bismarck», como acentuou o crítico naval do «Times», ficou plenamente comprovado o valor dos nossos aviões e das aparelhadas torpedeiras que transportam. Os porta-aviões ingleses «Victorious», que entrara há pouco em serviço, e o consagrado «Ark Royal», permitiram que a esquadra britânica, com uma rapidez impressionante e uma precisão matemática, respondesse aos golpes que destruiu o «Hood» em condições tão próximas por toda a parte, uma impressão inesquecível.

(Continua)



Almirante Tovey

almirante Holland. Essa formação chegava, efectivamente, ao mar da Gronelândia na madrugada de 24. A bordo do «Hood» e do «Príncipe de Gales» começaram a fazer-se preparativos para a batalha que, certamente, se não iria esperar. E tudo estava a postos quando, um pouco antes das seis horas, do «Hood», avistaram, confusamente, as silhuetas dos navios alemães.

O «Hood» disparou primeiro, e do «Bismarck» responderam sem demora. Dum e doutro lado facilitaram rapidamente os tiros, e o duelo das solvas prosseguiu durante alguns segundos, quebrando o silêncio das mares do norte. Com o «Hood» foi o «Príncipe de Gales» que entrou em acção. O «Bismarck», ligeiramente atingido, tenta uma «chance»: atingir os paços, bem localizados, do seu antagonista. E para esse ponto do navio britânico que os seus tiros quando se dirigem ostensivamente a certa altura se escassos cinco minutos. As 6 horas e 7 minutos o «Hood» é atingido, em cheio, na altura dos paços de munições. Um estêmiado medonho, seguido dum incêndio que tudo consome, obriga o navio britânico que os seus tiros após este quebra pelo meio e abate-se sobre as águas, no meio do fumo e do fogo, da metralha e dos destroços. Tudo se afunda num instante. No mar boiam cadáveres. Da tripulação, 1450 homens, apenas restam três sobreviventes. O resto encontrou a morte com o navio. No «Príncipe de Gales» a sensação de «apano amilho», largamente, todos os outros seriam-lhe, por profundos que fossem.

A CAÇA AO «BISMARCK».

Um comunicado lacónico anunciava a vitória em 7 horas: «Um grupo da frota naval alemã que opera no Atlântico, sob o comando do Almirante Luetjens, encontrou nas águas da Islândia navios pesados da marinha inglesa. O navio de linha «Bismarck» destruiu uma unidade de

PRIMEIRO E ÚLTIMO CRUZEIRO

No dia 22 de Maio de 1941, um avião de reconhecimento da R. A. F. enviou a seguinte, preciosa informação: «Estou a voar sobre Bergen. Estão aqui fundeados um grande couraçado e um cruzador alemães».

O couraçado era o «Bismarck», navio-almirante da esquadra alemã de superfície, comandado pelo almirante Luetjens, que, neste dia, «Príncipe» o seu distintivo; o cruzador era o «Príncipe Eugénio», uma unidade de 10 mil toneladas, de construção moderna.

A vigilância do avião britânico sobre o porto de Bergen intensificou-se. No dia seguinte, 21 de Maio, no Almirantado recebeu-se um novo radiograma que dizia: «Nós encontramos em Bergen os navios alemães».

As autoridades navais britânicas prepararam imediatamente a perseguição dos navios alemães. Constituíram, para esse efeito, uma formação que incluía o cruzador de batalha «Hood», o navio de linha «Príncipe de Gales» (moderníssimo, de 35 mil toneladas, que havia de sucumbir sob a acção dos aviões-torpedeiros japoneses), dois cruzadores pesados e vários contratorpedeiros da classe «Tribal». O comando desta formação foi confiado ao almirante Holland, recentemente promovido a aquele posto, que comandara a esquadra de batalha da «Home Fleet». Ao mesmo tempo, o Almirantado expediu para todos os navios da esquadra britânica, onde quer que eles se encontrassem, uma ordem de carácter geral: «É preciso atacar o «Bismarck». Caça imediata».

Até aqui a rota prevista dos navios alemães, entraram, assim, em sua perseguição mais de cem unidades navais, de todos os tipos e tonelagens, desde os poderosos couraçados

Vida Militar
e a sua actualidade

Maria Laura

Sambista da creia

Tem nove anos e canta o "Chica-Chica-bum..."

Uma reportagem de **Manuela de Aguiar**



samba é brasileiro. Diz: "Mas será? Ele anda ali interinho na alma dos portugueses. Primeiro deu a mão ao lado e abalaram por esse país fora, por esse mundo fora, de corrida. Depois, o mundo correu desenlaque-lhes as mãos e lá se foram eles, qual na frente, qual atrás, cada um a querer chegar primeiro bem ao fundo do sentimento dos homens. E umas vezes venceu o lado, outras vezes venceu o samba. Este, porém, descia, como uma torrente, das favelas do Rio, da terra das bananas, devotas do seu Senhor do Bonfim. Era mais novo?

Pois era. Por isso mesmo andava de pernas bambas, a correr, a correr, da alma dos malandros mortos de amor pela néga, néguinha, de olhos de cabocla mais ou menos tomada de ares da cidade. E o amor feito ritmo na cuca, no pandeiro, no violão cantante, tinha ressonâncias novas, galvanizantes, era uma voz nostálgica do sertão, dos coqueiros sem Paulos nem Virgínia, das sombras calmas abaixo do pé.

Não, não, samba não era bobagem. Era alma da terra quente, o langor rubro dos trópicos, a carne e o coração do Brasil. Era uma coisa nova, tônica, sóbria, vida, optimismo, qualquer coisa do verde da amazônia do outro mineral. Por isso, porque vinha das raízes fundas de uma raça nova e vigorosa, ele próprio era novo e vigoroso.

Tem rebreiros do negro do sertão africano? Tem. Levou-o ao Brasil o meu génio português. Mas bem haja por isso. O negro ensinou aos péssaros «bem te vi», aos «cabiá», aos «tico-tico», os mistérios da sua gargante de cristal. O caboclo gostou e aprendeu. O português gostou e cantou. E todo o mundo cantou.

Quem não é hoje, neste mundo, um bocadinho sambista? Ah! sim, o samba entra na gente — na gente de toda a parte, na gente de Portugal.

Visto pelos dactilos, visto pela rádio. Trauze-o Divininha Baptista, o Aguirinha Camargo, o Aracy de Almeida, a Carmen...

A Carmen, este sim, sua moça «lévada», sua moça-macumba, sangue de negra, nascida em Trás-os-Montes... Foi voce que machucou a alma dos patricios; que fez macumba de feitiço com a grapa de sua voz, o cósido do seu corpo, a luz dos olhos négo, négo, a brancura dos seus dentes, branco, bran-



co...

E que sim. Na bagunça de tudo que terra exótico, que nos vinha de fora e aprendamos, Carmen Miranda, talvez por ser portuguesa, ensinou em Portugal a querer bem ao samba brasileiro. Era uma linguagem nova e diferente. Cheira a terra, a Carnaval carioca, a feitiço de morto. Esta menina sapicão-levadinha, levadinha e caçoada, deu um piparote ao lado, como se diz no teatro, e o lado já é sambista e o samba já é fadista.



Pelo samba, Carmen Miranda foi atriz de cinema. Levou-a Hollywood, a Feira Internacional de Nova-York, em nome do seu país adoptivo. O Brasil foi assim mais brasileiro pela voz do samba. E o que os departamentos de propaganda talvez nunca tivessem conseguido, fez-lo Carmen com uma piscadela de olhos, um sorriso largo — onde cabe até uma covinha — e um feitiço de pernas e de ombros do outro mundo. Carmen fez isto — e fez mais: criou uma escola, uma praga, tudo o que é obra de santos de macumba; trouxe o samba para Portugal, levou fadistas para o Brasil, criou a sua turminha de «fans» e um «bico de imitadores».

Beatriz Costa vai ser «leader» do samba e já canta do lado de lá do mar: «Se quisé me vê vem cá...» porque... «ai, caramba, se outro hoje no samba, sambó até rebentá».

Maria Luiza, Maria Sidónio, Maria da Graça, aderiram ao samba em Portugal — e já não há quem não suspire ser sambista, para cantar a «batalaiá» brasileira que não nos deixa agora:

«A mulher do pedreiro trabalhava noite e dia... uma marchinha mascarada de «toboleiro da balança»...

Não há mocinha que não queira ser sambista: se não pode imitar a Carmen, ao menos que imite a Maria Luiza, a Maria Sidónio ou qualquer outra.



Há sambistas de todas as cores, de todas as idades — de todos os tamanhos. Não creditam?

Pois aqui lhes apresentamos um caso novo — que é o mesmo que dizer uma sambista nova. Nova? Novíssima: nove anos.

Conhecem-na? Não. Pois não apresentamo-la; chama-se Maria Laura de Sousa Rosa (se um dia vier a ser actriz profissional, há-de chamar-se só Maria Laura), tem a paixão do samba, do rebo-

Vida MUNDIAL
a ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director: **JOAQUIM PEDROSA MARTINS**
— Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composição e Imprensa nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:
Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11800;
6 meses (24 números) — 22800; 12 meses (48 números) — 43800. África: 12 meses (48 números) — 65800.
Estrang. a convenção — 12 meses (48 núm.) — 65800.
Estrang. a convenção — 12 meses (48 núm.) — 80800.

Vida MUNDIAL
a ilustrada



lar nas ancas da Carmen, das contorções do ritmo.

Podia imitar tódas as artistas de cinema: a Greta, a Claudette, a Deana... Mas, para quê?

A Carmen é tódá a sua alma pequenina. Enche-lha, multiplica-lhe o espirito inventivo. Querem ver?

A saia da irmã mais velha; o avental da mãe à volta da cinta preso ao pescoço, para fingir que não quiere mostrar aquilo que não tem; o lenço à roda da cabeça;

as flores que arrancou da jarra da sala, suspensas no cucuruto...

Não acham que está bem? Que lhe falta para ser sambista? Ah! sim, uma música: pois aqui está ela a mover-se diante da objectiva, a cantar o «Chica-Chica-Bum»...

Foi assim que o fotógrafo a surpreendeu um dia óestes na praia da Caparica, descalça, a sambar furiosamente. Quem pode duvidar da sua arte, dos seus nervos? Basta olhar para as fotos...

Não é verdade que a música é

deliciosa? Pois é. A pequena sambista promete — e há certas qualidades de mulheres que são como certas qualidades de homens: quando prometem, cumprem. A Maria Laura há-de ser uma grande artista. Até lá, é claro, há-de aprender a coser meias — e ela que tem um jeitão para os serviços de casa! — há-de estudar, estudar...

Maria Laura, uma garota engraçada que gosta do mar e que já sabe nadar, também pode vir a

desenhar as suas «toilettes» de artista — ela que faz os vestidos das bonecas e que inventou o «conjunto» com que a fomos surpreender na praia.

Por cárdrio, o mar, a areia sem palmeiras, sem a flora tropical que deve ter influído na arte da Carmen brasileira. O cenário para a Maria Laura é mais simples, mais calmo, mais dela — o que talvez queira dizer que o samba brasileiro cria clima para tomar raízes, numa fúção brilhante com a raça.



MENTIRAS

comveletoada

9

POR ZECO



— É uma obra de mestre... Em qualquer parte do mundo — valerá 50 contos... 40 contos já me ofereceram aqui — e eu não a quis vender...

— Positivamente, os homens de dinheiro não compreendem o gênio... 100 escudos é tudo quanto me ofereceram no «prego»... Mas como há que «viver»...

DISCOFONES

para reprodução
de discos em
aparelhos
de rádio



Completos, com motor
electrico e pick-up
desde Esc. 880\$00

Pick-ups simples, a partir
de Esc. 200\$00

EST. VALENIUM DE CARVALHO
R. NOVA DO ALMADA, 97

PALAVRAS CRUZADAS

Em virtude de ter ficado indecifrável devido a uma deficiência do impressor, o problema n.º 38, publicado no número passado de «Vida Mundial Ilustrada», volta-nos hoje a inseri-lo, preceito de que pedimos desculpa aos leitores da nossa habitual seção de «Palavras Cruzadas». A solução sairá no nosso próximo número, juntamente com a do problema n.º 39, que igualmente inserimos hoje.

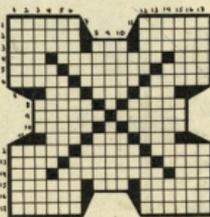
PROBLEMA N.º 38



HORIZONTAIS: 1 — Interj. líras. (Designa Espanto); Abundante. 2 — Aparência; Adeus. 3 — Sede; Medida. 4 — Poira de afeirar; Coisa anunciada. 5 — Ligação; Pequena embarcação, espécie de bote, na África Oriental; Moléstia. 6 — Repisar; Planície entre oiteiros. 7 — Nariz grande. 17 — Fronteira; Gênero de aves, a que pertencem as araras. 18 — Realidade; O mesmo que Rosetral. 19 — Idiota; Corte na pena para escrever. 20 — Proposição; Nota musical. 21 — Caeta de jogar; Família. 22 — Carapinha; Também. 23 — Membro das aves; Multidão.

VERTICAIS: 1 — Amargor. 3 — Insensível; Épocas notáveis. 4 — Memória; Zanga; Pronome pessoal. 5 — Variedade de uva miúda; Capim da Gécica. 6 — Que faz mover; Espécie de dança popular. 7 — Breu. 8 — Época. 10 — Rubor das faces. 11 — Fileira. 12 — Alia-da; Aranhão. 13 — Dissabor; Electuário, em que entra o ópio. 14 — Elogio; Irascível; Realidade. 15 — Antiga embarcação portuguesa, muito larga; Cantiga. 16 — Protecção.

PROBLEMA N.º 39



HORIZONTAIS: 1 — Destilado; Fugir. 2 — Enfeitar; Singra. 3 — Cascata; Governanta; Chafurdas. 4 — Anel; Cheroso; Em partes iguais. 5 — Entregaria; Extinto; Jotiar. 6 — Invocação; Charrax; Tapa. 7 — Rava; Panela; Arel. 8 — Inunda; Gito de guerra. 9 — Beijo; Soccer. 10 — Dorme em pé; Assenta. 11 — Fileira; Bolo de farinha de arroz; Altar. 12 — Querido; Ameba; Navalha. 13 — Sêde; Pagara; Garantia. 14 — Senhor;

(Conclua na página 15)



NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas	Estações	m.	Kc/s
8.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12.20 Comunicação Q. G. L.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 18.590
14.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.850
22.40 Noticiário		m. 221.1	
		m. 263.2	
0.00 Noticiário	2 RO 6	m. 18.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA

21.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
21.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830



As Regatas da "Semana da Vela" em Pedrouços



Disputaram-se há dias, em frente de Pedrouços, as primeiras regatas da «Semana da Vela», feliz organização desportiva da Associação Naval de Lisboa com o patrocínio da Federação Portuguesa de Vela. São dessas regatas as duas fotos que publicamos nesta página: a do sr. comandante Henrique Tenreiro dando o sinal para a primeira largada, e um movimentado aspecto das provas.



panorama internacional

OS DENTES DO PROXIMO

por Francisco Veloso

FOLHA DE CALENDARIO



NTRA a guerra no seu quarto ano. Quasi não há necessidade de rever em memória o que anda ctronometrado nas emoções que o ti dianas do mundo inteiro, o que pauta e regula por força a vida de cada um de nós. Se os lances da luta militar dia por dia nos empolgam com um interesse que não pode ser senão movido pela ansiedade de chegarmos, o mais depressa possível, à conclusão da catástrofe, os velvulos da crise económica que nos adstringe, de cada vez nos tornam mais sensível o facto da guerra, a sua presença, o seu ambiente, o seu domínio.

O terceiro ano do conflito mundial viu um acontecimento que o amplificou, transformou toda a sua evolução e decidiu do seu desfecho: — a entrada dos Estados Unidos no grupo aliado das Nações Unidas contra o das nações que formam a Triplelix Aliança germano-italo-nipónica. A partir desta data, ficaram garantidos: o abatimento da Grã-Bretanha, o fornecimento de material ao exercito russo, os reforços aos exercitos do Médio e Próximo Oriente, à Austrália e à China, uma produção de guerra levada ao auge, a barragem ao impeto nipónico no Pacifico. O alto comando alemão verificou que a guerra tem de continuar. Assim como terminou definitivamente a concepção germanica da guerra-relampago, assim cessou para os Aliados a da guerra de desgaste. A primeira foi substituída pela de occupação infundável de territórios exploráveis a leste, vista a impossibilidade da destruição do exercito russo. A segunda edou lugar à possibilidade de ser levada a cabo uma ofensiva no continente.

Todas as previsões do estado maior alemão sobre as consequências desse acontecimento transcendente contra o advento do qual elle, desde o fim da outra guerra, recomendara os maiores esforços quer impeditivos quer de retardamento, — realizaram-se. Quando se astinam em Maio o tratado anglo-russo de Londres e no mês seguinte o accordo franco-americano de Washington, essas previsões lócidas e indiscutíveis recebem uma confirmação de ordem politica. O bloco das Nações Unidas, que ao fim do terceiro ano é reforçado por outro acontecimento extraordinário — a beligrância do Brasil empolgando o Atlantico e a America do Sul — pode dizer-se entrado em fusão.

A nosso ver, o destino da guerra mudou tanto, como o do mundo. Sem a entrada dos Estados Unidos, o bloco Aliado poderia, em caso de depericimento, ser obrigado a tratar um dia com Hitler, a menos que um

desgaste interno da Alemanha simultâneo a grandes agitações insurreccionais nos países europeus occupados, não o collocasse vencedor. A partir da declaração de guerra da America do Norte à Alemanha essa hipótese parece inverificável. Mesmo em plena crise, como há pouco vimos, o bloco anglo-russo-americano, não se desagregou. Os mesmos factores que então arriam abalado a resistência moscovita, determinaram o ressalto energico de Londres e Washington, do qual a última viagem de Churchill foi uma demonstração probatória, e, ao contrario, aceleraram a execução do compromisso da Segunda Frente, cuja experimentação em prova real estropeou há pouco em Dieppe. A balança que até aquecia data histórica manifestamente propendera para Berlim, descambou, ficou um tempo em equilibrio, toma agora oscillações contrárias. O tempo que a Alemanha quasi lograra vencer, passou a contar-se pelo relógio do Capitólio de Washington, e à cadencia da produção fabricante das fabricas da Livre America. De repente a R. A. F. sobe aos arto ao lado das esquadras aéreas norte-americanas que hoje atravessam os céus do Egipto, do Iraque, da Pérsia, da India, da China, sulcam os do Pacifico, guardam a Austrália, bombardeiam a Alemanha e as zonas da defesa alemã em França, protegem a resistência russa.

Essa garantia é tal que um momento de descoordenação mais grave gerou a derrota de Ritchie na Libia e alarma Alexandria. O estado maior dos grandes exercitos da Alemanha tinha razão. A guerra entrou na grande curva da parábola, embora não se possa concluir que tenha já ultrapassado o vértice.

Sustentaram-na primeiro durante dois anos a Inglaterra e a Comunidade das Nações Británicas, e agora mesmo as mais recentes revelações da sua produção industrial e da sua mão de obra mostram-nas em plena energia, em alguns sectores victoriosas sobre outros americanos. O enfraquecimento do poderio naval britânico no Mediterraneo é prova do que foi esse esforço verdadeiramente gigantesco que só tem par no dia luta contra Napoleão, mas ainda agora setenta por cento dos soldados que compõem os exercitos distribuídos pelos diversos teatros da guerra, exceptuados os da Extrema Asia e do Pacifico, são ingleses da Grã-Bretanha e bastam as facultades da R. A. F. durante três anos e meio, desde as horas heroicas de Dunquerque, para dar honras internacionaes a um pale.

Depois, a partir de Junho de 1941, foi a Russia que coube a principal missão de aquilatar e destruir o exercito alemão. E o quarto ano do conflito vai encontrá-la a derramar o proprio sangue em defesa do solo pátrio.

o quarto ano da guerra dir-nos-á se elle poderá denominar-se o ano dos Estados Unidos.

INVERNO A VISTA



O único exercito aliado em relativo descanso são os do Próximo Oriente e da India, o qual, segundo se diz, Vavell criou com cerca de milhomens. Na China, na Austrália, no Egipto, na própria Grã-Bretanha, na Rússia, nas montanhas da Sérvia, milhões de soldados andam em batalha. Do lado do Eixo, nenhuma das nações e sobretudo a Alemanha deixou de combater sem reposo, desde que foi realizada a invasão da Rússia.

Comparado este panorama com o que há um ano se divisava, a diferença é flagrante. Hitler travava a batalha inútil de Moscovo em plena iniciativa. A situação na Libia não dava loiros aos ingleses. A incognita

da Nova Ordem, cuja instalação se annunciava em Berlim, saida de uma conferência internacional das nações continentais europeias a realizar no Outono uma vez julgada triunfantemente a Rússia pelas armas avassaladoras do Reich, pairava sobre a velha Europa. As campanhas isolacionistas nas três Americas figuravam aos olhos entre essa época e a actual que prescreto o quarto inverno. Hitler com razão conciaçava há pouco os alemães a novos sacrificios:

«No inicio do 4.º ano duma guerra que o povo alemão conduz pela sua existência ou não-existência, no presente e no futuro — dizia elle no dia 31 de Agosto, do seu grande quartel general — convizo, pela décima vez, o povo a fazer o sacrificio voluntario pela obra do Socorro de Inverno. Num espaço tão extenso como o proprio mundo, os nossos soldados combatem valorosamente, arriscando as suas vidas e saúde, tendo a seu lado a maior parte das nações europeias e asiáticas.»

É repetindo o seu *leit-motif* politico da aliança judeo-capitalista, traçou o programa: «Se nesta luta, a maior de todos os tempos, em que o soldado alemão faz bastantes sacrificios combatendo e suportando todas as privações, não vierem em seu auxilio, deixaremos de contribuir com o esforço pelo esforço. Desta forma, mais uma vez este ano, me vejo obrigado a dirigir novo apelo pedindo o máximo dos sacrificios que não serão senão um infimo da contribuição, em relação ao que fazem as nossas forças armadas, em terra, mar e ar. Além disso, o nosso Socorro de Inverno tem por sentido não sómente em tempo de paz, mas com mais poderosa razão em tempo de guerra confirmar por actos e não com frases, como se fez na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, a perfeita comunhão no destino indissolúvel do povo alemão.»

Os apelos que se erguem na Rússia as populações não são menos vibrantes do que este do supremo chefe alemão, e especialmente recomendam que haja poupança de carvão e combustiveis. E de esperar que nem russos nem alemães, estabelecerem armas, e se a experiência do ano passado serviu aos primeiros, também serviu aos segundos.

Nem só aos povos combatentes o medonho flagello se torturou. Por essa Europa em ruinas, muitos países escapos a catástrofe, alguns padecimentos não vão cruciar os agros dias do inverno, quanto piedade tem de cair sobre a miséria de multitudes cujo lar se apouso no vento acrodo da fome, e de desesperos, raivas herbicas, imolações de braços abertos, lágrimas inóides, lábios que não mais sorriem, olhos prividos de crianças que precoceamente murcharam!

É talvez nestas multitudes esmagadas, onde as classes e categorias sociais se nivelaram por baixo, que

Os DENTES

só nascem duas vezes

Defendei-os desde a infância com



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que incluye uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energico microbicide que metódicamente extermina os germes patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara lealmente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Afaza o mal na origem**, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

resde e acumula a força maior de amanhã.

OS SUCESSOS

Entretanto, os acontecimentos tomam inequivocamente um ritmo de insustentável pressão. A batalha da Ráista entrou na fase final — dizem os despachos alemães — diante de Estalingrado. De fato, em 3 de setembro está em pleno auge. A 31. Von Bock lança três colunas de tanks pela direita de volta de Kalachinskia até o ponto de Kalachinskia leste da Volga. Um general russo, Gorielki, consegue deter a mais forte e dispersar as restantes lá a poucos quilômetros de Dubrovka, a cerca de 20 e tal quilômetros ao norte da cidade. E desde então, a batalha inferniza-se. O golpe acima apontado renova-se pelo norte e só não se adianta porque os russos resistem a todo o transe o núcleo de forças que, a oeste da cidade, ainda se batem em Kalach, no curso do Don, e mais ao norte na curva do cotovelo do rio, o ultrapassam para a margem direita com ameaça ao flanco esquerdo da retaguarda inimiga. A sudoeste de Estalingrado, a situação piora para os russos. Transpondo a via férrea um pouco a norte de Kurnakovo, os alemães arrojaram-se para o sul da cidade, atingindo o perímetro das suas fortificações exteriores, à distância de 25 quilômetros. Acodem à memória os dias mais dramáticos da batalha de Moscovo. Estalingrado está em perigo.

A situação no Cáucaso colocava a 3 os alemães em avanço sobre a melhor base naval russa do Mar Negro, Novorossiisk, com tentativas de desembarque suas em pontos do litoral que não tinham êxito; e depois de uma semana de combates, tentando a travessia do curso superior do rio Terék, em Mózdok, procurando caminho para vencer a resistência para Grozny, o grande centro petrolífero, a 75 quilômetros.

Nos três dias seguintes, a batalha entra no auge. Von Bock traz uma superioridade numérica esmagadora. O seu arco envolvente contra Estalingrado estreita-se. Os russos conseguem aliviar-se um tanto da pressão a noroeste que penetrou entre Dubrovka e Pichuga na margem direita do Volga e aliar mais a sua resistência às duas bandas do canal que liga este rio com o Don, para impedir que o avanço alemão desça para a margem sul do mesmo, mas todo o movimento da ofensiva por sudoeste e sul da cidade ganha as fortificações interiores até Krasnoarmeisk. No dia 5 a agência alemã anuncia que o inimigo entrou novas reservas frescas na defesa e lançou contra-ataques muito violentos, mas de Moscovo apenas se reconhece que Timochenko lograva ganhar tempo sem que o perigo diminuisse. Nesse dia os alemães entram em Novorossiisk, e conseguem passar na área de Mózdok uma parte das forças para o sul do rio Terék. E a batalha continua.

Toda a ofensiva que em Lenningrado, onde os russos no tratamento podiam obter Schusselberg, entre Rezv e Vizma, e em Briansk tinha encravado as rodas em torno de Rezv-Vizma. Para lá os alemães levaram apressados reforços, e além da destruição de bolsos de Kalinin, deixando respirar melhor a defesa de Moscovo, os russos, conquanto absorvessem mais efectivos ao inimigo, não podiam deixar antever um

síntoma de rutura na frente contrária.

PERSPECTIVAS

A pergunta que fica aguçada sobre esta chacina não é, nem pode ser, pois, a de Estalingrado, aliás em ruínas sob os bombardeamentos maciços da Luftwaffe, resistir ou não — ali vale mais o rio que a cidade — mas a de se saber o que os alemães intentem. Ora, quasi ao fim da semana, aparece, a este respeito, as campanhas do verão de 1941 e do verão de 1942 na frente, como sempre o brilhante comendador militar do Journal de Genève, Stelling Michaud — têm um aspecto completamente diferente. As grandes batalhas de cerco e aniquilamento haviam permitido, no ano passado, às tropas do Reich, pôr fora de combate exércitos inteiros soviéticos, com grande número de perdas em mortos, feridos e material. Mas as experiências desta campanha e as verificações do retorno ofensivo do exército russo durante o inverno de 1941 e 1942, incitaram os alemães a modificar a sua concepção estratégica. A noção chassévitziana da destruição da massa principal dos exércitos adversários tornou-se inaplicável aos infinitos espaços russos. A imagem da lidra que lucissantemente renasce aplica-se claramente ao exército russo, alimentado por quasi inesgotável reservatório de homens. E se a qualidade das reservas russas é provavelmente na realidade inferior a sua quantidade, não menos certo é que o aniquilamento dessas massas humanas seria praticamente irrealsável. Assim, a ofensiva fulminante de Von Bock, desencadeada a 28 de Junho na parte meridional da frente de leste não visa à destruição das forças inimigas, por ser coisa impossível, mas ao enfraquecimento do poder militar soviético, mediante a ocupação das regiões vitais para a indústria de guerra russa, entre as quais os dois campos petrolíferos do Cáucaso (Grozny) e o pórtico de Baku). Por outro lado, separando, por meio de uma descida até Astrakan, os dois exércitos russos, poderia alcançá-los de facto um golpe de repercussões muito importantes de ordem política, e ali elas que neste momento se desenhavam a plena luz nos horizontes próximos do Wilhelmsstrasse.

Hitler, ao atingir e ocupar a zona norte do Cáucaso, pode declarar encerrado o programa da sua acção ofensiva a leste, e, como bastas vezes anunciou, passar à segunda fase imediata da sua acção politico-militar que é toda ocidental, dirigido

A SÍFILIS o o seu remédio

Combater a sífilis sem abalos no organismo com um tratamento cómodo e económico, actuando em todas as manifestações da doença, tratamento feito durante os trabalhos ou ocupações de enérgico, conseqüente-se com o

DEPURATOR

que logo de inicio dá alívios, bom apetite de comer e uma boa disposição de espirito. Tubo, para quasi uma semana de tratamento — 11\$00. EM TODAS AS FARMACIAS

para a Inglaterra e sobretudo para a América do Norte, declarando ao povo alemão que cumpriu a sua palavra, dando descanso às tropas, quer nas retaguardas, quer numa defensiva contra o exército russo necessariamente tão fatigado como o dele.

Esta nova acção tem duas partes: — a constituição do bloco da defesa continental, a constituição da Nova Ordem económica europeia. Uma conferência internacional pode resolver qualquer destas fases. E eis a conseqüência politica de uma vitória militar a leste. Ela não dá evidentemente a vitória da guerra, mas, numa hora angular, dá a Hitler a segurança para continuar a guerra contra o grosso-da produção americana.

Este estado de coisas encostará os Aliados ao dilema que há meses os oprime: — aceitar ou reagir. É inadmissível que a Alemanha não conte com isso, e por tal motivo apressado por todos os meios a campanha de leste. Ora, as Nações Unidas só têm as seguintes perspectivas: — a da Segunda Frente na Europa; a ofensiva no Norte de Africa; uma reacção alenteira no Cáucaso ou no norte sobre Rezv-Esmolenco; a batalha do Pacifico contra o Japão.

É por este último teatro da guerra que essa reacção se afigura iniciada. A ofensiva de Chang-Kai-Chek na China Central e a vitoriosa defesa da Austrália nas Ilhas Salomão e na Nova Guiné, são acontecimentos que, uma vez apoiados em reforços e prosseguidos com sistemática con-

tinuidade, podem transformar o quadro geral da guerra ao Oriente, momentaneamente se Wavell tiver o novo exército da India pronto para lançar à reconquista da Birmania e de Malaca, da Indo-China e do Siao, estas últimas, as melhores bases japonesas de toda a Extrema Asia.

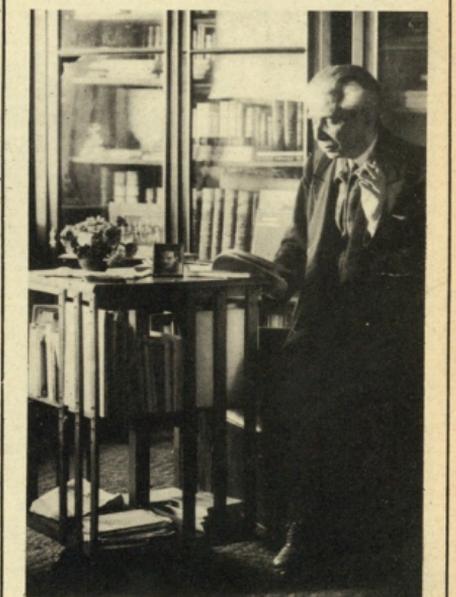
Vimos desde 31 de Agosto, Rommel pretender perfurar em El Eimnat a frente aliada de Alexander para o Vale do Nilo, e recuar para oeste ao fim de cinco dias. Mas isto seria apenas esboço. Vemos aumentarem terrivelmente os bombardeamentos fulguradores sobre as cidades, centros industriais e portos da Alemanha.

A demissão do general Togo da chancelaria de Toquio, a crise de reequilíbrio no ministério espanhol que eleva o general Franco na concentração do comando da Falange sobre os dissídios naturais que separam alguns dos seus subalternos, porque assim é conseqüência do uso do poder (caso que em Londres e Berlim se define como de simples politica interna) são episódios laterais do grande problema da reacção aliada que deixamos apontado e da posição, sem dúvida vantajosa, que Hitler, repetindo um tanto o plano gigantesco de Napoleão, se prepara na Europa.

É quando o inverno silvar na Rússia, começará a nova batalha ao sul do outono ocidental. Uma season de novo género, a que teremos de assistir e sujeitar-nos.

5-9-42.

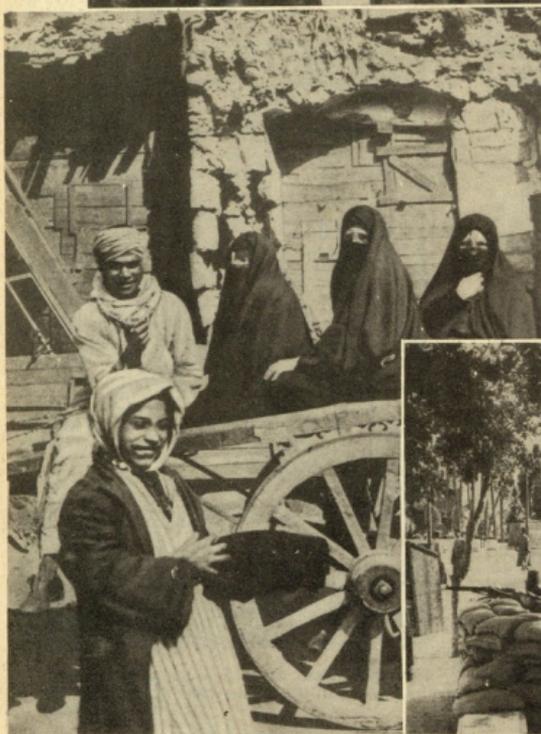
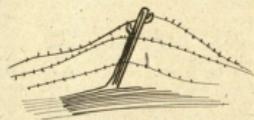
UM GRANDE POETA NA INTIMIDADE



O POETA ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA NO GABINETE DE LEITURA DA SUA CASA DE BELNHO (Foto António Silva)



O Egipto nova frente de batalha



Sem haver ainda entrado na guerra, o Egipto é já hoje um país em guerra... Nos seus desertos de areia milhares de «tanks» batem-se com fúria, e no seu céu cruzam-se e atacam-se mutuamente, às centenas, «caças» e bombardeiros das duas forças inimigas. Mas apesar deste ambiente de guerra, a população egípcia continua a fazer a sua vida pacífica e conserva, inalteráveis, os seus costumes orientais. Assim vemos (é a foto de cima que nos revela) que enquanto as tropas imperiais britânicas atravessam as ruas do Cairo a caminho da «frente», estas vendedeiras ambulantes prosseguem na sua tarefa de ganhar o pão de cada dia. A foto da esquerda mostra-nos uma típica cena oriental: Três mulheres de um harém passeiam num carro bem primitivo através das ruas da capital egípcia. À direita algumas das principais ruas e praças do Cairo, estão defendidas com sacos de areia e postos de metralhadoras contra os ataques aéreos da criação inimiga.



Abel Salazar

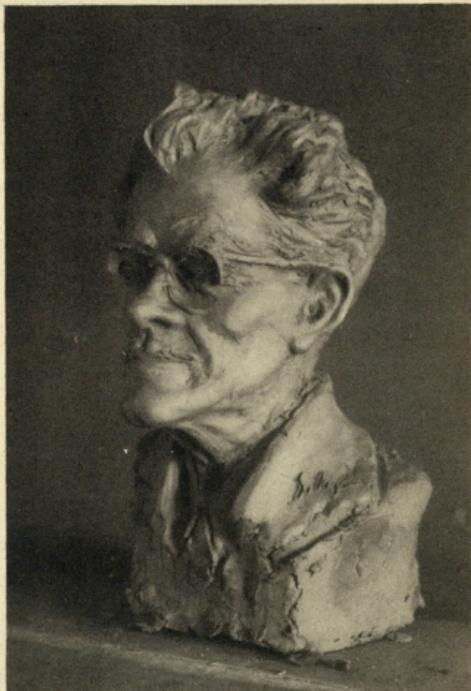
escultor



O general Wilson, que pela recente reorganização dos comandos do exército britânico, foi nomeado comandante em chefe das forças do Próximo Oriente



Realizou-se, há dias, a Romaria da Senhora da Alvalá, uma das mais populares do sul do país. Para participar nela ou simplesmente para a ver em seu colorido e movimento, ocorreu ao Montijo um poder de gente, não só da região da outra banda do Tejo como até de Lisboa. São essas romarias, estas duas fotos que publicamos, trazidas, em gesto amável, por devoto admirador dessa rija festança religiosa e popular. Em cima, um dos crios com pendão e grupo musical; em baixo, outro dos crios, e da Carregueira, comromeiros a cavalo.



O Dr. Abel Salazar acaba de fazer mais um trabalho de escultura, trabalho este que uma vez fundido em bronze, entrará para a Universidade do Porto. É um busto do mestre Maurice Fréchet, antigo professor da Universidade de Estrasburgo e actualmente da Universidade de Paris, onde sucedeu a Borel na cadeira de «Cálculo das Probabilidades». É um dos fundadores da Análise Geral, capítulo da matemática em que trabalhou durante vinte anos e onde criou inúmeros discípulos, tanto em França como no estrangeiro, nomeadamente entre nós. Foram de facto seus discípulos António Monteiro, Albuquerque, etc., do Centro de Estudos de Matemática de Lisboa. Actualmente dedica-se exclusivamente ao cálculo das Probabilidades, sendo um dos principais colaboradores de Borel, no seu grande Tratado de Probabilidades.

VARIEDADES

PALAVRAS CRUZADAS

(Conclusão da pág. 8)

Ofertara; Cálera, 15 — Maguado.
Ocasão; Carregar, 16 — Prêgador.
Dóce, 17 — Curára; Espécie de choupou (pl.).

VERTICAIS: 1 — Silencioso; Ajeitados, 2 — Trabalhar; Recorda 3 — Elabora; Extremidade; Venerar, 4 — Lugar de sacrifício; Facilidade; Partida, 5 — Data; Oratório; Aroma, 6 — Mentira; Rebenta; Além de, 7 — Capa; Liga; Deseje, 8 — Amargo; Faz-se ao mar, 9 — Soldado; Toques apito, 10 — Obrigada; Aparador, 11 — Passado; Mau

cheiro; Medida agrária, 12 — Animal dum ano; Uiva; Cheiro, 13 — Charneca; Acrescentara; Argola, 14 — Origem; Aproveitara; Pron pessoal, 15 — Descrição; Época Concordaram, 16 — Entanguir; Esfaqueado, 17 — Arrasara; Prendê-ras com élas.



Dicionários adoptados: Cândido de Figueiredo, 4.ª Edição; Língua Portuguesa e Sinónimos — Fomassa e Roquette; Do Povo; Sinónimos e Mitologia — de Bandeira; e Mitologia de Champfré.

Um coração para duas!

* Novella por Mauricia Adelaide de Araujo *

AMILCAR tinha muito que fazer, mas o que mais o aborrecia era ter que andar sempre por fora, sempre longe dos seus e afastado daquela a quem tinha dado o coração. Mas a vida é assim; e é, pensando no futuro, não esmorece, não se deixava vencer pela contrariedade.

Por lá andava na luta pela vida. Sucediam-se meses e meses e Amilcar, sempre entregue aos afazeres da sua vida, que não o dispensavam ao seu momento, corria terras, corria fama, criava nome... Para a família escrevia de quando em vez um postal, dizendo para onde ia e como estava de saúde.

E para aquela que por ele sofria e que por ele esperava, não faltava todas as semanas com uma carta repleta de histórias e invenções.

Mas, enfim... é o papel do homem: inventar para agradar!

Teresa — assim se chamava a noiva de Amilcar — andava triste... Havia quinze dias que nem um postal recebia d'ele.

«Que lhe teria acontecido? E sofria com a idéia de que ele estaria doente. Um dia resolveu-se a escrever-lhe e declarou-lhe que iria ter com ele se nessa semana não recebesse notícias.

Remédio santo!... Logo recebeu uma carta... E que carta!

Ela nem queria crer no que lia. — Impossível! — exclamou — Li mal! Não pode ser!

Volvou a ler, e quando compreendeu que letra o que estava escrito ia perdendo os sentidos, tão grande abalo moral a fulminou.

Amilcar tinha-se casado!... Mas como? Com quem?

— Se ele gostava tanto de mim! Se antes de partir me declarou amor-me, com amor imorredouro, querendo-me como a ninguém quisera nunca... Como os homens são falsos!...

E Teresa quiz não pensar mais nele, quiz divertir-se, ir a bailes, a jantares, a cinemas, acudir-se, enfim — para esquecer-se. Mas não podia, não dependia da sua vontade matar o amor que lhe encia o coração.

Apesar de tudo, ainda o amava! E tinha-lhe jurado que o amaria sempre por toda a vida...

Consumiu-a mais angústia.

Via-o, a todo o momento, nos braços da outra, da que lhe tinha levado o homem amado... E sofria, pedia a Deus que lhe encurtasse a vida, que tivesse dô delá!... Mas uma voz interior dizia-lhe: Covarde! Não sabes resignar-te?

Resignam-se as mães que perdem os filhos, resignam-se as esposas que perdem os maridos!... E tu não queres resignar-te porque o homem que jurou amar-te — casou com outra?

Deus não te perdoará, Teresa!...

Correram anos. Teresa era empregada numa Companhia Inglesa, desempenhava as suas funções com tanta castidade e sôbo que os Directores estimavam-na, cercavam-na de atenções, pois receavam que ela se afastasse do serviço.

Um dia, Amilcar vem à cidade chamado por uma negócios. E por infelicidade, esses negócios eram tratados na Companhia onde Teresa estava empregada.

Foi lá a primeira vez; foi segunda. E tudo lhe corria normalmente, até que a terceira visita, quando passava num dos corredores, viu pela mesga duma porta aberta, uma dactilógrafa que go

E resolveu ficar trabalhando, pondo em ordem o serviço que tinha entre mãos, pois faltaria no dia seguinte, para não correr o risco de encontrar Amilcar. Assim andou uns dias.

Vinha hoje, não vinha amanhã... Os directores estranhavam-lhe o proceder e o aspecto.

— O que terá a Teresa? Não parece a mesma!

Cansado de a esperar inútilmente, Amilcar resolveu por fim perguntar ao porteiro da Companhia o nome da dactilógrafa cujos sinais, ainda que impressos, pôde reconhecer.

A resposta varou-o de espanto. Teresa! Era elle!



impressionou-o e envolveu-o num estranho olhar de censura. Quem seria, Santo Deus!... Não, tinha tido tempo de ver a rapariga, pois a porta fechara-se momentaneamente.

À saída do pessoal lá estava elle e a espera.

Queriu ver quem o tinha olhado com tanta censura e, também, com tanta dorça. Mas eis — quem quer que era... — não saíra com o pessoal. Teria partido mais cedo?

E por longo tempo esperou, mas inutilmente.

Teresa tinha-o reconhecido. E recebeu um encontro.

Não soubera esconder a sua perturbação. O seu olhar denunciava o que lhe ia na alma, tinha-o traído.

— Por isso os seus olhos me condenaram!...

Escreveu-lhe: «Precisava falar-lhe... Viu que ella procurava fugir-lhe, mas elle não lhe consentira.

Queriu falar-lhe... Uma palavra, uma palavra apenas...»

Ella respondeu-lhe aquiescendo mas dizendo que tinha muito que fazer e que só no dia seguinte, e muito de pressa, poderia recebê-lo. No dia imediato Amilcar não faltou e, num fôlego, a delender-se, a attribuir à ausência a culpa da sua ingratitude e do seu desamor, quis reconquistá-la, fazer-se perdoar e amar.

— A ausência, Teresa, é muitas

vezes a causa do esquecimento... E eu só te esqueci na hora em que fui imprudente... Tive que proceder como homem de bem... Tive que casar com... etc... Era meu dever... E se o não cumprisse... A justiça interviria, obrigaria-me a... Esqueci-te... E verdade... Mas perdoá-me! Juro-te que te amo... hoje mais do que nunca! Ouve, Teresa! Vou divorciar-me... Depois será finalmente minha... Casaremos...

Ella olhou-o um instante em silêncio; depois gravemente interpeleu:

— Que mal te fez tua mulher? Não a amaste até ao momento de casares na? Não tinha ainda vieste de novo encontrar-me? Não lhe juraste que voltarias breve? Não te espera ella confiada em ti? Não, Amilcar, não tens o direito de a desagrar. O remorso pescar-te-la sempre na consciência.

Tens filha; tens uma mulher que te compromete a proteger e amar.

O teu dever é só um, e esse é sagrado: viver e trabalhar para elles!

A pobre soffria atormentada, era-lhe muito doloroso aquêllo repellido... Mas tinha que ser assim.

Elle não se conformava, queria demovê-la, convencê-la, mas tudo baldadamente.

Teresa... sim... eu gosto de ti... estimo-a muito... Mas amo-te, conheci-te antes de a conhecer a Ella... E que não tivesse sido assim... Gosto mais de ti... Sim, gosto mais de ti... Perdôa-me!

Ella tornou a olhá-lo longamente, em silêncio.

Depois, mais pávida, mais grave ainda, determinou:

— Perdoar-te?!... Sim... perdoar-te... Mas vai-te embora, não voltes a apparecer-me, peço-te...

E abrinho a porta, chamou o cônjuge:

— Acompanhe, este senhor...

Amilcar não se conformou. De longe e de perto continuou a perseguir-la.

E eis, um belo dia, pediu aos directores a sua transferência para a sede da Companhia, em Inglaterra. Obteve-a.

Partiu... Lá longe, entre as brumas londrinas, a pobre Teresa soffia ainda, soffre sempre, a sua grande castidade do amor.

Ouvira-lhe dizer que gostava da outra... mas que só a ella amava... Um coração para duas!...

E para si, para o seu coração ultrajado, quantas vezes se surpreende a dizer:

— Sofro eu... Paciência!... Mas Ella, a outra, de quem elle gosta, é feliz com elle e com os seus filhos!... Que o meu afastamento se tenha ligado, mais ainda, que sejam infinitamente venturosos!

Ella... não me fez nenhum mal... não m'o roubou... não sabia que eu existia...

E a elle... perdoar!... Como os homens são!... Amar duas com um só coração!...

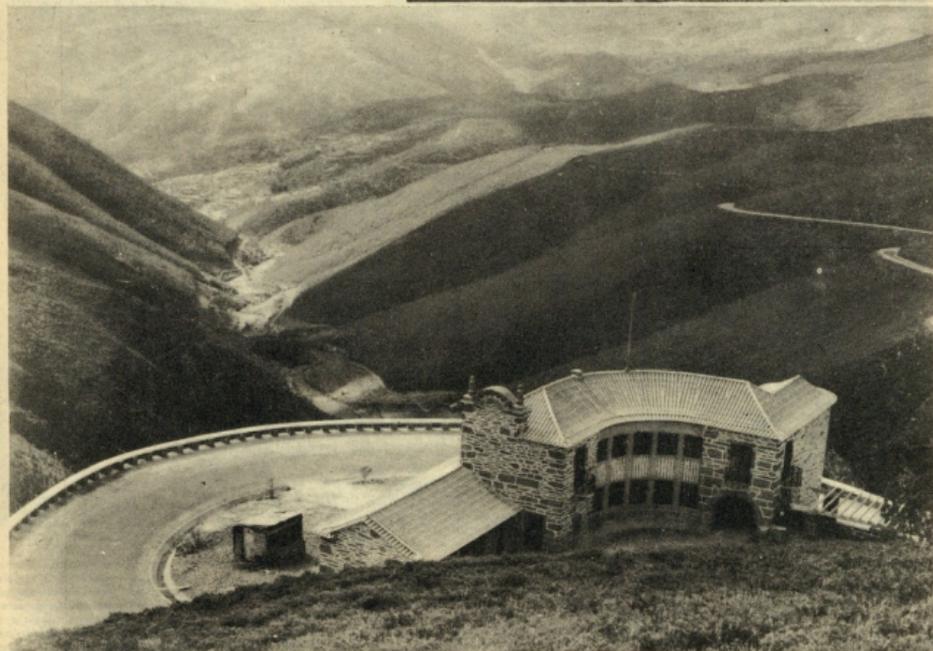


A guerra submarina tem sido a etapa mais difícil que as Nações Unidas têm tido que vencer na sua formidável luta contra a Alemanha. A frota que o almirante alemão Doenitz comanda tem vibrado duros golpes à navegação aliada, quer dificultando-lhe os movimentos, forçando-a a seguir rotas mais longas e menos perigosas, quer causando-lhe a perda irremediável de milhões de toneladas, desde o princípio desta guerra. Mas apesar disso a Inglaterra e os Estados Unidos têm feito face, com êxito, a esta fase crucial da batalha dos mares, construído dia e noite, nos seus estaleiros, novas navios, destinados a substituir aqueles que o inimigo tem afundado com os torpedos dos seus submarinos ou com as bombas da sua aviação. E ao que referem as agências de informação, o período mais perigoso desta batalha sem tréguas parece ter passado já, pois segundo as mesmas agências, a produção em tonalagem naval das duas nações unidas foi já no mês passado superior à tonalagem posta a pique pelas alemãs. As fotos desta página mostram-nos dois aspectos da febril actividade nos estaleiros das duas grandes potências coligadas: em cima, em Inglaterra; em baixo, nos Estados Unidos. É mereço deste esforço de produção sem igual na história, que as Nações Unidas contam ganhar definitivamente a Batalha do Atlântico.

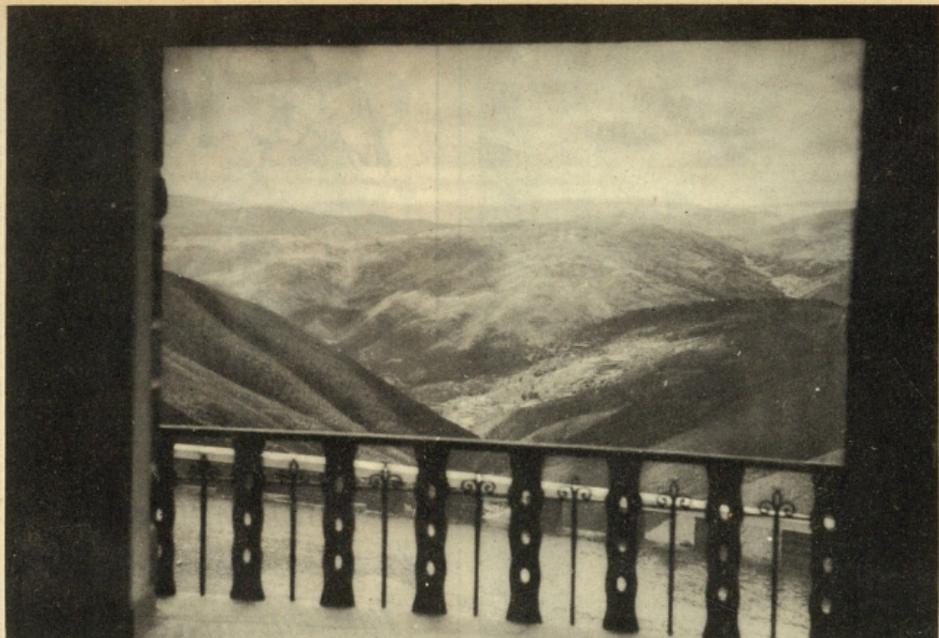
A
Pousada
 de
S. Gonçalo
 no alto do
Marão



Foi há dias inaugurada, no Alto do Marão, a «Pousada de S. Gonçalo». Pela beleza surpreendente da paisagem que a enquadra, fica sendo um dos mais formosos lugares de turismo do país. Tanto nacionais como estrangeiros vão sentir-se nessa «pousada», em pleno contacto com a natureza, como num lugar único de felicidade — menos perto da terra e mais perto do céu... Que é como quem diz, menos próximo dos homens e mais junto de Deus.



Perdida, como um «oásis» feliz, neste cenário majestoso do Marão, a nova «Pousada» ficará sendo lugar obrigatório de paragem de turistas e caminhantes cujos olhos andem ávidos da beleza dos largos horizontes...



Esta mancha de paisagem rasga-se das varandas da «Pousada» — em frente das quais, ao enlevar-se os olhos perante tanta beleza panorâmica, acode ao espírito a angústia de António Nobre ao perguntar um dia que é feito dos pintores deste país estranho que o não vêm pintar...



Outro aspecto surpreendente da Serra do Marão, uma das mais belas e admiradas serras de Portugal, deste Portugal cuja paisagem é uma das mais belas do mundo.

(Fotos António Silva, Pôrto)



Com um êxito bastante animador, o que nos é grato registar, pois se trata de mais um triunfo da indústria nacional, estiveram há dias em exposição, no «Standa da Avenida 24 de Julho, 66, os novos gasogénios «Invicta-Azorguez», cujas provas de eficiência estão de sobejo demonstradas não só pela prática da sua utilização, como pelas provas brilhantes prestadas no Instituto Português de Combustíveis. Se bem que possua o alvará n.º 1 para a produção desses aparelhos, a sua firma construtora só ultimamente começou a fabricá-los, procurando assim dar a sua quota parte de esforço para que possa ser atenuada a crise derivada da falta de combustíveis em Portugal. Tendo, porisso iniciado essa fabricação em série, entrou a produzir desde logo 100 gasogénios em 28 dias úteis, tendo tomado o compromisso perante a sua clientela de produzir futuras séries de 100 aparelhos num espaço ainda menor, isto é, — 100 aparelhos em cada 15 dias. São desses exposições dos gasogénios «Invicta-Azorguez», as fotos que publicamos: na primeira, os srs. ministro das Obras Públicas, engenheiro Duarte Pacheco, e sub-secretário do Estado desse departamento, engenheiro Espregueira Mendes, visitando a exposição; na segunda, um aspecto do certame; na terceira, uma novidade da construção portuguesa de gasogénios: um aparelho esmaltado a fogo, de acabamento perfeito e de uma indiscutível protecção do material às intempéries.



1942

O
VINHO do PORTO
dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA



Por iniciativa do «Jornal de Notícias» efectuou-se no Palácio de Cristal, no Porto, um concurso que despertou grande interesse e constituiu uma homenagem às simpáticas costureiras portuguesas. Foi o concurso do vestido de chita. Aqui se vê um aspecto desse concurso, durante o desfile das concorrentes.

Franco Caudilho de Espanha

O generalíssimo Franco, caudilho da Espanha, acaba de remodelar o seu governo, substituindo os ministros dos Estrangeiros, Guerra e Interior, respectivamente srs. Serrano Suñer, general Varela e Valentin Gallarza. Os novos titulares dessas pastas são os srs. Conde de Jordana, general Ascensio e o catedrático Blas Pérez. O acontecimento despertou grande interesse em todo o mundo político e teve larga repercussão internacional. As fotos mostram-nos o generalíssimo correspondendo às saudações da multidão, que o aclama.





Foi recentemente inaugurada, no alto da Serra do Marão, a "Pousada de S. Gonçalo". Ao acto assistiram, entre outras individualidades oficiais, o Director da Secretariado da Propaganda Nacional, sr. António Ferro.



O novo prelado da diocese do Fôrto, D. Agostinho de Jesus e Sousa, durante a visita que há dias fez ao governador civil da capital do norte, Dr. António Augusto Pires de Lima.



A bordo do «Niassa», regressaram agora a Lisboa os naufragos do «Maria da Glória», o lugre bacalheteiro que, no decurso da sua feição, se afundou na Groenlândia. O capitão do barco, um dos naufragos, é o segundo da direita

VIDA MUNDIAL é um jornal que vale por muitos jornais

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (Dumido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardeuras na pele, etc. etc. NIE NUIS! NUNCA NÃO APAREÇA COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



Emissões em LINGUA PORTUGUESA

Horas	Estações	Ondas curtas
11.45	Noticiário	GRU 31.75 m. (9.45 mc/s)
		GRV 24.92 m. (12.04 mc/s)
13.15	Noticiário	GRZ 19.86 m. (21.64 mc/s)
		GRU 31.75 m. (8.45 mc/s)
13.30	Actualidades	GRV 24.92 m. (12.04 mc/s)
		GSB 31.55 m. (9.51 mc/s)
22.00 (*)	Noticiário	GRX 30.96 m. (9.69 mc/s)
		GRT 41.96 m. (7.15 mc/s)
22.15 (*)	Actualidades	GSB 31.55 m. (9.51 mc/s)
		GRT 41.96 m. (7.15 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).



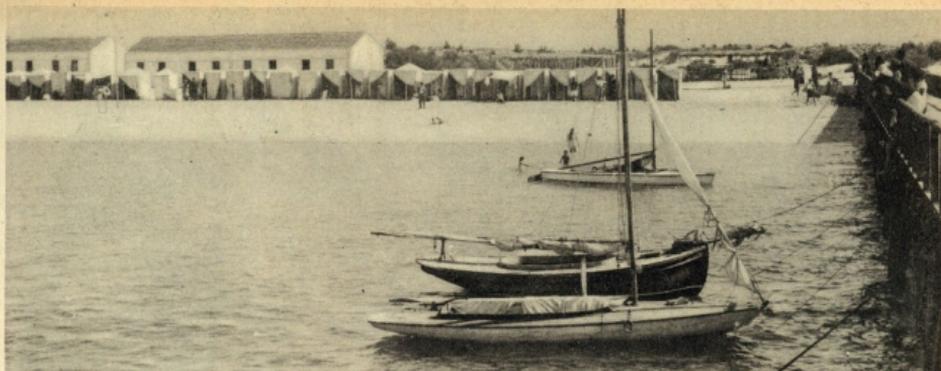
Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
8.15	WDJ	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
8.15	WRCA	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
8.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
9.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
9.30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
19.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
20.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
20.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
22.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
22.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



Troia, é bem uma das mais bonitas praias de Portugal. Fica em frente de Setúbal, na outra banda do Sado — que se atravessa, num pequeno barco a motor, em menos de 20 minutos de viagem... Todavia, é uma praia pouco menos do que ignorada da maioria dos portugueses...



De Troia, avistam-se quadros de uma grandeza panorâmica como este: o Outão, Arrábida, com a sua serra majestosa e, na sua frente, num horizonte sem fim, a imensidade do Atlântico...



No estuário do Sado, a praia-miniatura de Albarquel. Ao fundo, o castelo de S. Filipe e, quasi a perder-se de vista, o castelo de Palmela...



E, finalmente, a cidade de Setúbal vista do Sado. Tudo este conjunto torna, portanto, uma viagem a Troia um motivo de encantamento e de beleza. Aconselhamo-la aos lisboetas. Conheçam Portugal.



Uma aldeia de roupa
branca no coração de
ALFAMA

Vida
MUNDIAL
e ilustrada

Isto é um pedaço de Lisboa antiga que o nosso fotógrafo foi arrancar, através de um «cliché» de grande plano e alta instilação artística, ao popular bairro de Alfama. Com suas ruínas íngremes e tortuosas, suas tapeiras floridas e janelas apinhadas de roupa branca a secar ao sol, Alfama de hoje é ainda a mesma Alfama de outro tempo, conservando a nossos olhos as mesmas características e tradições com que a viram e se enlevaram os olhos dos nossos avós... — (Foto Seródio).